

A importância da leitura

Autores

Amanda Puglia de Oliveira Buttini
Ana Carolina França Campos
Augusto Isaac
Bruna Corrêa da Rosa
Cristhia Kelle Santana
Eliane Francisca Alves da Silva Ochiuto
Elisangela dos Santos
Francieli Efigenio Cabreira
João Alexandre Alves dos Santos
Juliana da Cruz Prado
Lilian Siqueira e Silva
Livia Maria Fernandes
Lucas Menezes de Moraes
Maikon Augusto Vogado Aranda Florenciano
Marcio Romeiro de Avila
Matheus Heindrickson Prudente dos Santos
Michele Arias Delfino dos Santos
Natanael Borges Soares
Priscila Vargas Gatti
Ronivon Alves Moreira
Thainá Manvailer Costa
Vera Lucia Ferreira Pereira
Vinicius Gonçalves Mazzini

Publicação comemorativa
de aniversário da Editora da UFGD



Outubro | 2016

Gestão 2015/2019
Universidade Federal da Grande Dourados
Reitora: Liane Maria Calarge
Vice-Reitor: Marcio Eduardo de Barros

Equipe EdUFGD
Coordenação editorial:
Rodrigo Garófallo Garcia
Administração: Givaldo Ramos da Silva Filho
Revisão e normalização bibliográfica:
Cynara Almeida Amaral, Raquel Correia
de Oliveira e Wanessa Gonçalves Silva
Programação visual: Marise Massen Frainer
e-mail: editora@ufgd.edu.br

CONSELHO EDITORIAL
Rodrigo Garófallo Garcia - Presidente
Marcio Eduardo de Barros
Thaise da Silva
Marco Antonio Previdelli Orrico Junior
Gielma da Fonseca Chacarosqui Torchi
Jones Dari Goetttert
Luiza Mello Vasconcelos

Editora filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Revisão:
Cynara Almeida Amaral, Raquel Correia
de Oliveira e Wanessa Gonçalves Silva
Projeto gráfico/capa:
Marise Massen Frainer
Impressão e acabamento:
Triunfal Gráfica e Editora | Assis - SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

1346

A importância da leitura / Amanda Puglia de Oliveira Buttini -- Dourados,
MS: Ed. UFGD, 2016.

93p.

ISBN: 978-85-8147-134-1.

1. Leitura. 2. Contos. 3. Obra comemorativa. 4. EdUFGD. I. Amanda
Puglia de Oliveira Buttini. II. Título.

CDD – 372.4

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

© Todos os direitos reservados conforme Lei nº 9.610 de 1998.

Sumário

Apresentação	05
--------------	----

Contos	08
---------------	----

O monstro da capa amarela	10
---------------------------	----

Amanda Puglia de Oliveira Buttini

Dulcinéia, dona do seu nariz	13
------------------------------	----

Augusto Isaac

História sem data	23
-------------------	----

Bruna Corrêa da Rosa

Os prantos	25
------------	----

Lucas Menezes de Moraes

Palavra plantada	31
------------------	----

Maikon Augusto Vogado Aranda Florenciano

Mundos que cabem em um abraço	36
-------------------------------	----

Priscila Vargas Gatti

Crônicas	42
-----------------	----

A leitura	44
-----------	----

Ana Carolina França Campos

A importância da leitura	46
--------------------------	----

Elisângela dos Santos

De leitor para leitor	50
-----------------------	----

Juliana da Cruz Prado

A lenda do meu nome	52
---------------------	----

Lilian Siqueira e Silva

A partida	58
-----------	----

Livia Maria Fernandes

Calouro gente boa 62
Natanael Borges Soares

O ato de ler é fundamental 64
Ronivon Alves Moreira

Coragem de optar pela leitura 67
Thainá Manvailer Costa

Poesias 70

Livres 72
Cristhia Kelle Santana

Meus olhos leem 74
Eliane Francisca Alves da Silva Ochiuto

Amplitude 76
Francieli Efigenio Cabreira

Isso é mais que “apenas ler” 78
João Alexandre Alves dos Santos

Esperando os olhos sedentos 81
Marcio Romeiro de Avila

Da importância da leitura 83
na vida em sociedade
(Ou “Textão para Facebook I”)
Matheus Heindrickson Prudente dos Santos

Entre rimas e versos 86
Michele Arias Delfino dos Santos

Leitura: 88
Um direito, um dever.
Uma arma, um escudo.
Vera Lucia Ferreira Pereira

Sobre (a) vida 91
Vinicius Gonçalves Mazzini

Apresentação

Nada mais oportuno e significativo para comemorar os 10 anos de existência de uma editora do que a publicação de um livro. E, ao comemorar uma década junto à comunidade acadêmica de nossa universidade, a EdUFGD tem a satisfação de apresentar esta obra, composta por textos redigidos por acadêmicos de diversos cursos de graduação da UFGD, que ressaltam a importância da leitura na vida em sociedade.

A prática da leitura é uma das oportunidades mais incríveis para o desenvolvimento pessoal e profissional. Por meio dela, podemos ultrapassar as fronteiras do imaginário e descobrir novos universos sem precisarmos sair do lugar. O hábito de ler nos permite adentrar em um processo de expansão e abertura intelectual para infinitas possibilidades. Fonte de verdadeira riqueza, o livro constitui-se como um atalho para o despertar imaginativo e o aprimoramento dos diversos saberes, e a leitura torna-se a ferramenta essencial na trilha do conhecimento.

Um dos grandes desafios para os educadores é ensinar e difundir o hábito e o gosto pela leitura. Seja por prazer, para estudar ou para se informar, a prática da leitura expande o vocabulário e contribui para o desenvolvimento do raciocínio, da escrita, da comunicação e da interpretação. Infelizmente, nota-se que, com o avanço das tecnologias do mundo moderno, as pessoas estão cada vez menos interessadas pela leitura. Nesse contexto, o papel dos educadores, desde os pais, passando pelos primeiros professores, até chegar aos professores da pós-graduação, deve ser o de grandes incentivadores da leitura.

A escolha de textos para leitura está ligada a preferências pessoais. Desta forma, sugerir textos ou obras pode ser desafiador e, ao mesmo tempo, prazeroso se vemos os títulos por nós indicados irem ao encontro dos interesses de nossos interlocutores. Graças à diversidade das preferências e ao deslimite da imaginação e do potencial intelectual, nossa literatura, seja fictícia ou técnica, abunda de obras e autores que contribuem de modo significativo para o desenvolvimento cultural de nosso país. Seguramente, as obras publicadas pela EdUFGD desempenham um papel importante para esse desenvolvimento.

Em dez anos de existência, a ainda jovem EdUFGD já publicou mais de 170 títulos sobre diversas temáticas e áreas do conhecimento, sempre se preocupando com a qualidade durante o processo de edição de suas obras. Sua missão sempre foi e continuará sendo a de contribuir para a difusão do conhecimento, privilegiando seus professores e pesquisadores, por meio de um material dotado de conteúdo relevante, qualidade artística e técnica.

Ao abrir espaço para a reflexão e expressão dos alunos de graduação da UFGD sobre a leitura, a Editora, ciente de seu papel na formação acadêmica, reúne, na obra que ora apresenta à comunidade, contos, crônicas e poesias para coroar uma década de muito trabalho e dedicação.

Que venham muitos anos! Que venham muitos autores! Que venham muitos leitores!

Prof. Dr. Rodrigo Garófallo Garcia
Coordenador Editorial da EdUFGD

Contos

De acur...

...o movimento humano é integrado
...os dados para monitorar e tra-
...das casas e das propriedades, acabam
...semanas permanecem nas casas por 2004
...semanas mais que uma semana.
...as redes sociais, que são criadas
...diferentes. Essas redes sociais são deno-
...des. Em Rosana, na Vila das garotas, o
...envolve principalmente as meninas que
...trabalhar em botes de outras cidades
...as decisões para a mudança de
...de sua temporada que coincide
...cidade são construídas e
...as habilidades construídas

O monstro da capa amarela

Amanda Puglia de Oliveira Buttini¹

Clarinha morria de medo; não conseguia entender como mamãe podia guardar um monstro daqueles dentro de casa. Ficava amedrontada só de pensar em quanto tempo mamãe passava sentada na poltrona com aquele “treco” amarelo na mão — sim, ela o chamava de treco, pois não sabia, ao certo, o que era aquilo.

Um belo dia, enquanto a mãe tomava banho, ela entrou no quarto nas pontinhas dos pés e se aproximou do monstro, toda curiosa, querendo entender porque a mãe gostava tanto daquele treco. Quando chegou bem perto, viu olhos enormes, dentes assustadores e ouviu um rugido como o de um leão prestes a atacar sua presa. Soltou um berro:

¹ Acadêmica do curso de Letras – FACALE.

— AAAAAAAAAAAAAAH!

A mãe saiu correndo do banho achando que algo acontecera à menina.

— Clarinha, meu bem, o que aconteceu?

— Mamãe, esse monstro tentou me morder.

— Isso não é um monstro, Clara. Isso é um livro!

— Livro? Esse treco me dá medo.

— A mamãe vai se trocar e te mostrar que ele não tem nada de assustador, minha filha.

A mãe sentou Clarinha na cama, pegou o livro e começou a folheá-lo. A garota ficou meio encabulada com aquele monte de “sinaizinhos” pretos na folha branca.

— Mamãe, o que são esses desenhinhos pretos?

— São as letras, minha filha! Juntas elas formam várias palavras e essas palavras contam uma história.

— Como que faz pra saber o que elas estão contando, mamãe?

— Você precisa aprender a ler!

Pacientemente, a mãe começou a ensinar a menina a ler e a escrever. A cada dia, Clara descobria uma letra nova, e que, juntas, as letras formavam sílabas, e

palavras, e assim sucessivamente... Logo aprendeu seu próprio nome, o da mãe, o do irmãozinho e várias outras palavras que gostava de falar. Quando conseguiu decifrar sozinha a primeira frase simples escrita pela mãe, teve uma surpresa: ganhou seu primeiro livro.

O livro era amarelo, contava a história da “Bela e a Fera”. A mãe disse a ela que Bela era uma princesa apaixonada pelos livros e que esperava que a menina também o fosse. Desde então, aquele treco, um dia tão assustador, tornou-se o seu melhor amigo. Clara finalmente aprendera a ler! E começou a sonhar com seu futuro. A menina decidiu que, quando crescesse, escreveria muitos livros e ensinaria as crianças a ler para que, assim como ela, essas crianças conhecessem o melhor amigo que alguém pode ter: um livro.

Dulcinéia, dona do seu nariz

Augusto Isaac¹

Disse que se chama Dulcinéia. É uma bonita idosa, o cabelo prateado, preso em coque, contrastando com os olhos muito negros e vivos. Embora não seja avó, é dotada do mesmo semblante simpático delas. Mora em uma casa cor-de-rosa de madeira no centro da cidade. Comprou o imóvel há tempos e nunca se sentiu tentada a vendê-lo, pois ele fica perto de tudo, e ela se dá bem com a vizinhança. Goza de boa saúde e não é de ralhar. Quando alguém reclama muito dos dissabores que vêm com a idade, abre os olhos e, balançando a cabeça, diz:

— Melhor envelhecer do que não envelhecer.

Estado civil: viúva, já há algum tempo. Não tem filhos nem parentes próximos na cidade, mas isso

1 Acadêmico do curso de Letras – FACALE.

não significa que leve uma vida solitária. Além das visitas frequentes de conhecidos, conta com Clara, que a auxilia com as tarefas de arrumação da casa e da roupa. Além disso, aluga um dos quartos da casa para um rapaz chamado Cosme, que veio para fazer faculdade e que, no começo, parecia bom. Quando era dia de Clara vir, os três costumavam almoçar juntos e conversavam por bastante tempo.

Um dia, chegou um envelope à sua casa. Nada das habituais contas ou propagandas. Clara o passou para Dulcinéia, que pediu ao inquilino que o abrisse e lesse. Ele disse que o remetente era um tal de Marcos e que se tratava de uma carta vinda da capital. Cosme perguntou quem era esse Marcos. Ela franziu a testa por um momento e, um instante depois, sorriu ao se lembrar — podia ter uns esquecimentos de vez em quando, mas era incrível como se recordava com clareza das histórias antigas.

Era moça ainda. Morava com os pais, zeladores de um antigo posto militar provisório nos arredores da fronteira, usado pelo exército como apoio logístico quando era preciso monitorar a área. Um dia, ao voltar das compras feitas na cidade, a jovem Dulcinéia encontrou um homem em farrapos prostrado na estra-

dinha, barba por fazer, cabelo desgrenhado e todo sujo do poeirão. Poderia ser um sujeito perigoso, alcoolizado, um fugitivo da lei, mas naquele momento ela não sentiu medo. Não parecia um andarilho ordinário. Acordou-o e o conduziu até sua casa. Lá chegando, como de costume, Totó correu ao encontro da dona, mas, desconfiado, rosnou só por precaução ao ver o desconhecido.

Depois de se alimentar, o homem se sentiu melhor e começou a contar sua história. Não era estrangeiro. Sua graça era Marcos e morava em uma cidade distante, mas no mesmo estado. Sua história era parecida com as das canções sertanejas que a família ouvia no rádio, pois ele tinha se perdido em busca de um amor. Em um baile na cidade vizinha tirou uma paraguaia muito *guapa* para dançar e se apaixonou. O azar é que ela só estava de passagem e teve que voltar para o país vizinho na mesma semana. O bom senso mandava o moço esquecer aquela aventura, mas quem disse que ele conseguia?

Numa manhã gelada, Marcos pegou o ônibus que cruzava a fronteira e foi em busca de sua amada. Porém, a vida tem um jeito bruto de ensinar e, às vezes, tem prazer em desdenhar de amores bem-inten-

cionados e ingênuos. Ao chegar ao Paraguai, Marcos foi logo perguntando, por todo o lugar, se as pessoas sabiam onde morava a pretendida. O que não imaginava, mas logo descobriu, é que seu amor já era, há longa data, cobiçada por um valentão da cidade.

No primeiro dia de sua busca, a notícia se espalhou pelos bares, despertando comentários maldosos que chegaram aos ouvidos do valentão. Tensão. O pretendente conterrâneo da moça prometeu a todos que aquela história acabaria mal. Marcos ficou sabendo que o outro estava indo ao seu encontro armado e disposto a fazer uma besteira. Sem escolha, gastou todo o dinheiro que tinha em um cavalo e sumiu no mesmo dia.

Seguindo um conselho de não tomar a estrada principal, Marcos foi embora por um caminho pedregoso e longe da civilização. Conseguiu atravessar a fronteira, porém, sem provisões nem descanso, a montaria não suportou o esforço e caiu por terra. Ele continuou o caminho a pé e teria o mesmo destino se, por milagre, não lhe houvesse valido a boa sorte na figura de Dulcinéia.

Os ouvintes, sentindo verdade nas palavras, insistiram para que o desventurado passasse um tem-

po com eles até recuperar as forças e principalmente a razão. O rapaz, então, passou algumas semanas na chácara com a família de Dulcinéia antes de regressar ao lar e acabou se mostrando uma excelente companhia. Anos mais tarde, o posto alongado acabou sendo substituído por outro, definitivo. A família de zeladores mudou-se e os amigos nunca mais ouviram um do outro — até aquele momento. Dulcinéia imaginou como Marcos estaria depois de tanto tempo.

Cosme continuou a leitura. “Teria ido fazer uma visita se minha saúde permitisse. Faz tempo que os procuro e demorei muito para descobrir seu paradeiro. Daquela feita, ao retornar para a casa de meus pais, fui recebido de braços abertos e fui retomando minha vida de onde tinha parado. Casei-me e tenho filhos e netos que são a alegria da minha vida, mas nunca me esqueci das poucas e boas que passei por aquelas bandas e do bondoso auxílio que me prestaram num momento de precisão. Hoje, tenho a vida ganha e gostaria que aceitassem uma pequena retribuição. Possuo terras e toda vez que eu fizer a venda dos grãos, uma pequena parte da venda, que não me vai fazer falta nenhuma, remeto a vocês. Envie o número da conta bancária para eu depositar conforme.” E despedia-se cordialmente.

É uma pena as pessoas não trocarem mais cartas. Revisitar o passado, assim, inesperadamente, fez Dulcinéia verter uma ou duas lágrimas de suave nostalgia. Naquela noite, a senhora pensou que o dinheiro extra viria em boa hora, pois as coisas andavam muito caras. Ela resolveu aceitar a ajuda, e todos os anos chegavam, pelo menos duas cartas trazendo palavras de amizade e dizendo a quantia enviada por Marcos, o que ajudava no orçamento doméstico.

O inquilino era o intermediário necessário para decifrar o conteúdo das cartas, e também o responsável por ir ao banco retirar e repassar o dinheiro à Dulcinéia. Infelizmente, a ambição está sempre à espreita, aproveitando brechas atrás de cada janela mal trancada. O montante enviado diminuía com o passar do tempo e Cosme dizia que o preço de revenda dos grãos tinha diminuído, o dólar caíra, e pragas e geadas tinham atingido a lavoura. E Dulcinéia ficava sentida pelo amigo.

A senhora contava com aquele dinheiro para pagar suas contas. Até tinha feito uns planos mais ousados contando com ele. Às vezes, intrigava-a o jeito que se expressava o amigo em algumas partes da missiva; parecia-lhe diferente do costumeiro. Estaria Cos-

me falando a verdade? Preferia ser cautelosa, já que ele nunca havia dado motivo para desconfiança.

Um dia de manhã, Dulcinéia foi à praça para espairer. Estranhou ver seu Zé tão cedo.

— Bom dia! Madrugou? Vejo sempre o senhor caminhando mais tarde. E a neta, melhorou?

— Dulci, tudo bem? Está boazinha, graças a Deus. Você me desculpa, mas eu tenho que ir. Tenho que chegar lá, na escola, às sete em ponto. Virei menino de novo! — deu uma risada larga e completou — Hoje é o primeiro dia e não posso chegar atrasado.

Dulcinéia estranhou. “Escola nessa idade? Apressado assim? Sem tempo nem pra trocar dois dedos de prosa?” E reparou que outros conhecidos passavam pelo mesmo caminho, a Dona Vanda, o Capilé, do queijo, e até a Cilene. Ficou sabendo que a escola havia aberto uma sala de alfabetização de adultos. E a comunidade atendeu ao chamado. Dulcinéia só sabia assinar o nome. A possibilidade de tomar as rédeas de mais um aspecto de sua vida a encantou subitamente.

Voltando para casa, encontrou o inquilino no portão e perguntou:

— Você anda chique, Cosme! Foi promovido no emprego ou está paquerando alguém?

— Andei botando reparo também — disse Clara, que estava por perto.

Cosme não resistia a um elogio e inchou-se como um sapo.

— Não, senhora. Solteiro como um pé de soja solteiro. Mas é bom andar nos trinquês. O emprego é o de sempre. Dá pro gasto. Até mais ver.

No outro dia, Dulcinéia arrumou os papéis e tornou-se mais uma aluna do grupo de adultos. Não era de faltar, e, embora sua vista não tivesse a mesma precisão de quando ela era jovem, os óculos resolviam o problema, tanto os para ver de perto quanto os para ver de longe. Já a falta de jeito e outros obstáculos foram sendo contornados com perseverança. O ambiente era muito agradável e Dulcinéia logo se tornou uma das estudantes mais queridas da sala.

— Você é um exemplo, Dulci. O seu pessoal deve ter orgulho de você — disse o professor na confraternização de fim de ano.

— Sabe que ainda não contei a novidade? — disse. — Gosto de fazer surpresa.

Na semana seguinte, chegou mais uma carta de Marcos, que a acordou cedo e foi apanhada direto das mãos do carteiro.

— O meu bom amigo não me falta mesmo — disse a senhora. — Leia para mim, Cosme. Será que ele teve mais felicidade dessa vez?

Cosme leu os cumprimentos e informou que o benfeitor tivera mais um dissabor e não tinha podido depositar muito naquela ocasião: metade do valor da vez passada. Dulcinéia escutou calada, mas seus olhos negros brilhavam. Pediu a carta a Cosme, mas não para guardá-la no baú. Foi atrás dos óculos para lê-la.

— Não precisa ir ao banco hoje, Cosme — disse ela.

Constatou que sua desconfiança tinha motivo. O inquilino tinha alterado o texto durante sua leitura e, do valor indicado na carta, cortara mais de dois terços. O restante ele embolsaria.

“Ara, cabra safado!” Pensou Dulcinéia.

Aqui, no departamento de polícia, já ouvi de tudo, mas confesso que tenho um carinho especial por esse depoimento. Até o momento, está sendo tudo confirmado pelas investigações. Estamos na cola de Cosme, embora não dê para garantir que ele será condenado. Mas eu sei que a questão vai muito além do dinheiro e sinto que em dona Dulci ninguém há de passar a perna novamente.

Sua primeira carta ao amigo distante teve a letra um pouco tremida, mas caprichada, e dizem que Marcos ficou muito emocionado ao recebê-la. Domingo, dona Dulci não apareceu na missa. Saiu com Clara logo cedo, e foram as duas passar uns dias com o amigo na capital.

História sem data

Bruna Corrêa da Rosa¹

Apaixonei-me por ele ali quando notei o livro de Machado em sua mão. Lia com atenção, entregue, no banco do metrô e numa parada nossos olhos se encontraram. Ele sorriu ao ver a Singular Ocorrência e eu por receber a nova companhia.

Lado a lado me chamou de Capitu, disse que eu tinha olhos de cigana oblíqua e dissimulada, mas que me via uma Conceição. Eu disse que nem de longe era uma santa e me transformei em Helena arrependida, ou em Virgília, pois foi por elas que eu havia me tornado algo na vida.

O rapaz era Félix apaixonado, ou Rubião. Estes tinham formado a essência do seu ser e eu já era apaixonada por eles da ficção. A herança que o rapaz

1 Acadêmica do curso de Letras – FACALE.

desejava não era a de Quincas Borba, nem aquela que A Cartomante havia visto. Não tinha nada de Brás Cubas, além de uma pequena ambição: o amor imprevisto.

Éramos leitores. Românticos. Mas no fim da estação tivemos de nos separar. Ele até me deu seu endereço, caso uma carta eu resolvesse enviar.

— A história deste dia — ele disse — irá se transformar ou em memória póstuma, ou em história para se contar em metrô por aí.

Os prantos

Lucas Menezes de Moraes¹

Ainda que fosse mais um às cegas pelo mundo, Rony, criado em um vilarejo cheio de fulgor chamado Gamaga, trabalhava dia e noite pelos sentimentos, ora por obrigação, ora por gratidão para com a família pobre e de grande coração — que o acolheu quando fora deixado à porta do casebre, ainda bebê, por uma moribunda viandante.

Sua juventude, assim como a sórdida infância, esvaía-se pelos dedos, deixando traços rudes de maturidade em mãos antes tão pequenas e frágeis das quais seus sete irmãos dependiam para subsistir. Sua mãe, Valquíria, uma infeliz mortíça sempre tão magra e desnutrida, que ostentava as costelas sob a pele, agora estava reduzida a uma viúva inútil, pois perdera as

1 Acadêmico do curso de Letras – FACALE.

pernas caindo de cima da casa quando contava telhas quebradas numa crespa chuvarada.

Para alguém de doze anos, Rony era um rapaz corpulento e educado em demasia. Entretanto, não possuía o mínimo de estudos, porque os tinha abandonado aos seis. Conhecia muitos truques que aprendera na vida e empreendia algumas invenções no seu escasso tempo livre. Sempre tentava vender suas bugingas aos ciganos e aos lunáticos que apareciam por Gamaga e, quando conseguia algum dinheiro, trabalhava menos, mas logo voltava à rotina enfadonha a que se submetia.

De boa conversação e grande impavidez, Rony era sempre visto como o garoto precoce da cidadezinha e sempre recebia ajuda dos que se sensibilizavam com sua situação de chefe de família. Um dia, ele decidiu que aprenderia a ler e a escrever para ajudar o escrivão da delegacia, conseguindo alguns tostões a mais. Levantava mais cedo que o habitual e ficava prostrado em frente à janela da escola primária. Antes de ir ao trabalho, via as letras no quadro negro, seus desenhos suntuosos e as professoras a explicá-los aos pequenos.

Era uma manhã chuvosa e o sino da igreja ri-bombava pela pracinha sinalizando o prelúdio da ma-

nhã. A partir daquela molhada segunda-feira, Rony deixou de lado seus empreendimentos e passou a empenhar-se na tentativa da leitura e da escrita — por mais que fosse determinado e inteligente, ainda se passava por matuto aos olhos dos senhores de Gamaga. Virava as noites em claro confundindo-as com o dia, tentando entender a forma peculiar de um *B* e o porquê do *B-a Ba* ser *Ba* e não *Bea*. Isso ocupava sua mente de tal forma que passou a não render em seu trabalho, sendo ameaçado de demissão por estar a maior parte do tempo absorto em seus devaneios.

Após um mês, nada tinha aprendido e qualquer palavra escrita era um enigma indecifrável para ele. Decidiu que agora levantaria uma hora mais cedo para aprender as palavras, fazendo com que suas noites de sono fossem cada vez menores — assim como suas habilidades nos negócios.

Certo dia, trabalhando como entregador de correspondências, Rony trocou os destinatários de forma tão complicada que não faria sentido explicar. Fato é que a confusão causou tal alvoroço na pequena Gamaga que todos ficaram sabendo do caso do criador de bodes com a filha do Coronel Romeu. Este, que sob o argumento de que Rony trouxe apenas des-

graça a todos ao revelar a promiscuidade de Luciana, e maculando a imagem de toda uma família, ordenou que o moço fosse demitido e jurou que naquela cidade nenhum emprego lhe seria atribuído — não enquanto seus pés andassem vivos no chão, ou enquanto seu sangue de Coronel lhe corresse vivaz até pelos cabelos. Sem emprego ou aprendizado, tampouco os ciganos aceitavam suas invenções por receio de serem expulsos das terras de Gamaga, que lhes era um bocado lucrativa. Os cidadãos, outrora altruístas, sequer se deram ao trabalho de questionar quanto à situação da família de Rony, que passava necessidades como a trépida fome que lhes afligia.

Resignado e sem perspectivas, suplicava aos céus todos os dias por alguém que pudesse ajudá-lo. Desesperançado, passava a maior parte das horas do dia em seu quarto, alheio e emudecido. Sucederam-se três dias sem comer e três noites sem dormir, quando Rony começou a andar pelos cômodos da casa de tijolos sem reboco e chão de concreto cru, falando aos cochichos como se fosse com a própria alma. No quarto dia, o mais novo dos irmãos, de dois anos e meio, morreu de fome. As outras crianças, num ato desesperado, misturavam manteiga com barro e faziam biscoitos,

que comiam como o maior dos banquetes, enquanto bebiam a própria urina, cada vez mais ácida e fedorenta. Seus ventres, inchados e esverdeados, pareciam prestes a estourar uma bomba de vermes. Após cinco dias da morte do primeiro, todos os irmãos haviam morrido de fome ou por alguma infecção. Sua mãe olhava da cama para as paredes com olhar profundo e distante, apenas a esperar o abraço da morte.

No dia seguinte, a aurora crescia lúgubre, pois Valquíria fora cuidar de seus filhos no paraíso, deixando Rony só, desesperado e sem ter com quem compartilhar as dores da saudade. Após enterrar a mãe, ao lado de todos os irmãos, desatou um choro de lágrimas volumosas, que começou numa manhã e não mais cessou. Os vizinhos viram uma poça juntar-se à sarjeta durante algumas horas, depois descendo para as outras casas em um caminho sem fim, que não via barreira.

A tristeza de Rony era tamanha que nem o mais candente dos sóis conseguia secar suas lágrimas. Chorou durante dias e dias, iniciando uma pequena lagoa pela rua, que então se alastrou para todo o bairro e, mais tarde, por toda a cidade. Os moradores de Gama tiravam a água de suas casas aos baldes, mas o

choro de Rony era descomunalmente voraz e chegava às ondas, batendo de porta em porta e inundando tudo o que encontrava. A cada dia, o pranto era maior e mais alto, podendo ser ouvido de todos os lugares, até mergulhar toda a cidade em um mar de lágrimas que não eram salgadas, mas amargas. As árvores apodreciam e as casas de madeira inchavam e quebravam, à medida que as de barro desmanchavam até não mais sobrar qualquer habitação. O Coronel, numa tentativa de salvar suas medalhas no casarão, morrera afogado após ver a porta do porão trancada pela pressão da água. Os poucos que sobreviveram perderam tudo e fugiram para a cidade vizinha, deixando a cidade mergulhada sob o choro do menino Rony, que passou o resto de seus dias numa eterna aflição, afogado na própria lástima.

Desde então, não mais se ouviu falar de Gama ou do menino desgostoso que afundou todo um vilarejo em lágrimas. Dizem que a cidade se tornou um deserto, e quem atravessar seu antigo caminho sentirá uma dor semelhante à do garoto pelo resto da vida, e a agonia que hoje veem os olhos submersos em angústia e resignação de Rony, serão vistos pelos que ali passarem até o porvir, por mais longínquo que ele seja.

Palavra plantada

Maikon Augusto Vogado Aranda Florenciano¹

Seu Almeida acordou cedo como faz todos os dias, pôs o café para passar e ganhou a soleira da porta. Na mangueira, ele observou seus bichos e sentiu orgulho. Quando o sol começou a banhá-lo, ao som de suas galinhas, ouviu um grito:

— Zééé, corre aqui!

Era Maria que gritava de dentro de casa. Seu José Almeida, já acostumado aos escândalos da mulher, observou mais um pouco seus animais e deu dois tapinhas na anca de sua leiteira. Ao chegar à sala, sua face tranquila deu lugar a um semblante de consternação. Maria estava pendurada no telefone e lágrimas escorriam pelo seu rosto rechonchudo. Ela o olhou, disse um fica com Deus ao interlocutor do outro lado da linha e pôs o telefone no gancho.

1 Acadêmico do curso de Medicina – FCS.

— Zé, você não vai acreditar!

— Era o Pedro? Por que não me passou o telefone?

— Ele não podia falar. Mais tarde ele liga. Zé...

— e correu para abraçá-lo.

— O que aconteceu com ele, Maria? Diga, você está me assustando.

— Pedrinho, Zé. O Pedrinho vai ser Doutor. Ele conseguiu, Zé. Nosso menino conseguiu!

A essas palavras, Seu Almeida não conseguiu manter a tenacidade e os músculos de sua face se contrairam. Lágrimas contornaram as rugas que o tempo e o sol lhe deram.

— Eu sabia, Zé! O nosso menino é muito inteligente. Ele disse que mais tarde liga de novo para falar com você. Disse que vai vir aqui semana que vem antes de começar as aulas. Ele está muito feliz, Zé. Nosso menino... Vai ser Doutor das Leis, nosso Doutor...

Seu Almeida pegou um copo de café e sentou-se no alpendre da casa. Aos goles, ele fitava o horizonte, rememorando a infância de seu filho. Ficou ali um quarto de hora e entrou na casa. Três cômodos adiante havia uma porta fechada. O velho homem parou, deu um longo suspiro e abriu a porta. No cômodo, ha-

via uma cama, um armário de roupas, duas cadeiras e uma prateleira atolada de livros. Seu José Almeida não conseguiu segurar as lágrimas e seus lábios soltaram um “perdão, filho”.

Instantes depois, já recuperado, Seu Zé pensava no que poderia fazer para reparar seus erros. Pedro, quando tinha oito anos, começou a estudar. O tio Carlos, irmão de Seu Almeida, foi quem matriculou Pedro e era quem o levava todos os dias à escola. Ele, o pai, queria o filho ali, na lida. Queria que o filho continuasse o trabalho que outrora seu próprio pai lhe ensinara. Os livros na prateleira eram todos presentes do tio, e Pedro tinha o costume de fazer suas leituras às escondidas para que seu pai não se amuasse. Seu Zé lembrava com vergonha do dia em que o filho lhe disse que queria ser advogado.

— (...) mas eu não quero isso. Quero ser advogado.

— O que? Advogado? E desde quando gente da terra pode ser alguém nessa vida, meu filho? Não sonhe desse jeito, menino. A gente nasceu pra isso aqui, pra trabalhar na roça. As letras são para os fidalgos — o pai dizia, e o menino fechava a cara e se trancava no quarto.

Uma semana depois de dar a notícia, Pedro des-pontou na porteira. Seu Zé o avistou e correu para o quarto do filho. Dez minutos mais tarde, o rapaz bateu na porta e entrou no quarto. Seu Almeida foi ter com o “menino”.

— Perdão, meu filho. Eu me sinto tão envergonhado.

— Não se preocupe, pai. O senhor não tem porque se culpar. O senhor foi criado assim. Talvez tivesse acontecido o mesmo comigo se o tio Carlos não tivesse me dado o primeiro livro. A partir daquele dia eu cresci, pai. E queria crescer mais. Hoje ainda quero crescer. É como se eu fosse uma das plantas da mamãe: quanto mais ela rega, mais a planta cresce.

— Desculpa, meu filho. Seu velho só sabe disso aqui. Sou nascido e criado na roça, nunca peguei num livro, a não ser quando era pra catar os que você espalhava por aí — e soltou riso amarelo. — Mas venha aqui, quero te mostrar uma coisa.

Os dois deixaram o quarto e se dirigiram para a área lateral do quintal. Havia, ali, um alicerce construído, já com um metro de parede levantada.

— Meu filho, se eu não pude incentivar você, posso fazer isso com as outras crianças daqui. Quero

pedir a sua autorização para colocar todos os seus livros nesta sala que estou construindo e para convidar as crianças pra virem aqui. Quero deixar a sala aberta pra elas.

Pedro abraçou o homem e disse:

— Claro que sim, pai. Isso vai me deixar muito feliz! — Os dois então se abraçaram como nunca antes havia acontecido e, aos gritos de Maria, que chamava para o almoço, voltaram para a casa.

O rapaz ficou na casa dos pais por uma semana. Após o derradeiro aceno, Seu Almeida entrou no quarto do filho, pegou um dos livros que Pedro ganhara do tio Carlos e o abriu na primeira página.

— Acho que não estou tão velho para começar.

Mundos que cabem em um abraço

Priscila Vargas Gatti¹

A suavidade com um toque de aspereza das páginas, o cheiro do papel, o som das folhas virando e a cor levemente amarelada pelo tempo. Códigos e símbolos organizados um após o outro, linha após linha, parágrafo após parágrafo. Uma história para conhecer, personalidades para apreciar, romances para admirar, cenários para visualizar com os olhos da imaginação, um novo mundo para explorar. Um universo inteiro em suas mãos.

“Como algo tão grande poderia caber em um objeto tão pequeno e singelo, feito apenas com papel e tinta?” ela se perguntava. Como poderiam as pessoas submergir tão profundamente naqueles símbolos que,

1 Acadêmica do curso de Psicologia – FCH.

para ela, pouco significavam? “Como conseguiam se perder naquelas páginas?”

Ela sentia fome, mas a fome não era de comida. Ela sentia sede, mas a sede não era de água. Ela sentia um profundo desejo, mas não sabia como saciá-lo. Poderia comer todos os bolos, chocolates e sorvetes, mas a fome insistia em permanecer. Poderia beber toda a água e a sede não a abandonava. O desejo era como asas presas na carne, querendo sair, mas impossibilitadas pela pele grossa de suas costas.

Tudo ficou ainda pior quando sua comunicação passou a depender desses símbolos. As informações precisavam ser repassadas e sempre vinham com pequenas alterações, um detalhe a mais, um detalhe a menos, algo maior ou menor. O conhecimento também parecia não ser totalmente confiável. Sentia-se um fardo, um saco pesado que as pessoas precisavam carregar.

Aos poucos, ela foi se isolando, se fechando, criando para si um casulo, onde pudesse ficar protegida de todos aqueles símbolos e de tudo o que eles tinham a oferecer. Era uma relação de amor e ódio,

amava-os e também os odiava. Desejava profundamente poder entendê-los e queria ardentemente mantê-los longe. A distância diminuía a importância e a falta de importância diminuía a humilhação. Fingia não se importar, mas lágrimas indesejadas lhe corriam o rosto sempre que via os olhos de alguém percorrendo aqueles objetos, da esquerda para a direita, de cima para baixo. Até o lambar dos dedos para virar as páginas lhe causava um misto de ânsia e anseio.

Foi ficando difícil, foi ficando cansativo. Enquanto ela caminhava, os outros voavam. Enquanto ela se alimentava, os outros se esbaldavam. Enquanto ela nadava, os outros submergiam profundamente em mares distantes. Enquanto ela vivia sua vida tranquila e pacata, os outros viviam várias vidas simultaneamente. Romances, aventuras, utopias, distopias, fantasia, magia, suspense, mistérios, terror, biografias, ficção científica, tudo tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

E quando a vida colocou em suas mãos um pequeno e frágil ser humano, sua existência se encheu de pura e excitante alegria. Porém, uma doença pôs em risco as rosadas perninhas de seu menino e a alegria

que ela tinha se esvaído. “E se ele nunca puder sentir o prazer do vento tocando seu rosto enquanto anda de bicicleta? E se ele nunca sentir a dor nas pernas depois de longas horas caminhando? E se...”

Foi quando ela decidiu aprender a decifrar os símbolos. Ela dedicou horas e mais horas de seus dias, enquanto seu bebê dormia, tentando entender, tentando traduzir, tentando transformar aqueles sinais em palavras, as palavras em frases, as frases em histórias. E quando seu pequeno acordava, ela lia cinco ou seis palavras para ele, devagar e gaguejando, enquanto aqueles grandes olhos castanhos a fitavam.

De cinco ou seis palavras, ela passou a ler algumas frases, depois parágrafos, até que conseguiu ler histórias inteiras. Ela e seu menino sobrevoaram mundos distantes e distintos, conheceram as personalidades mais excêntricas e encantadoras e se deliciaram com as descobertas mais belas e grandiosas.

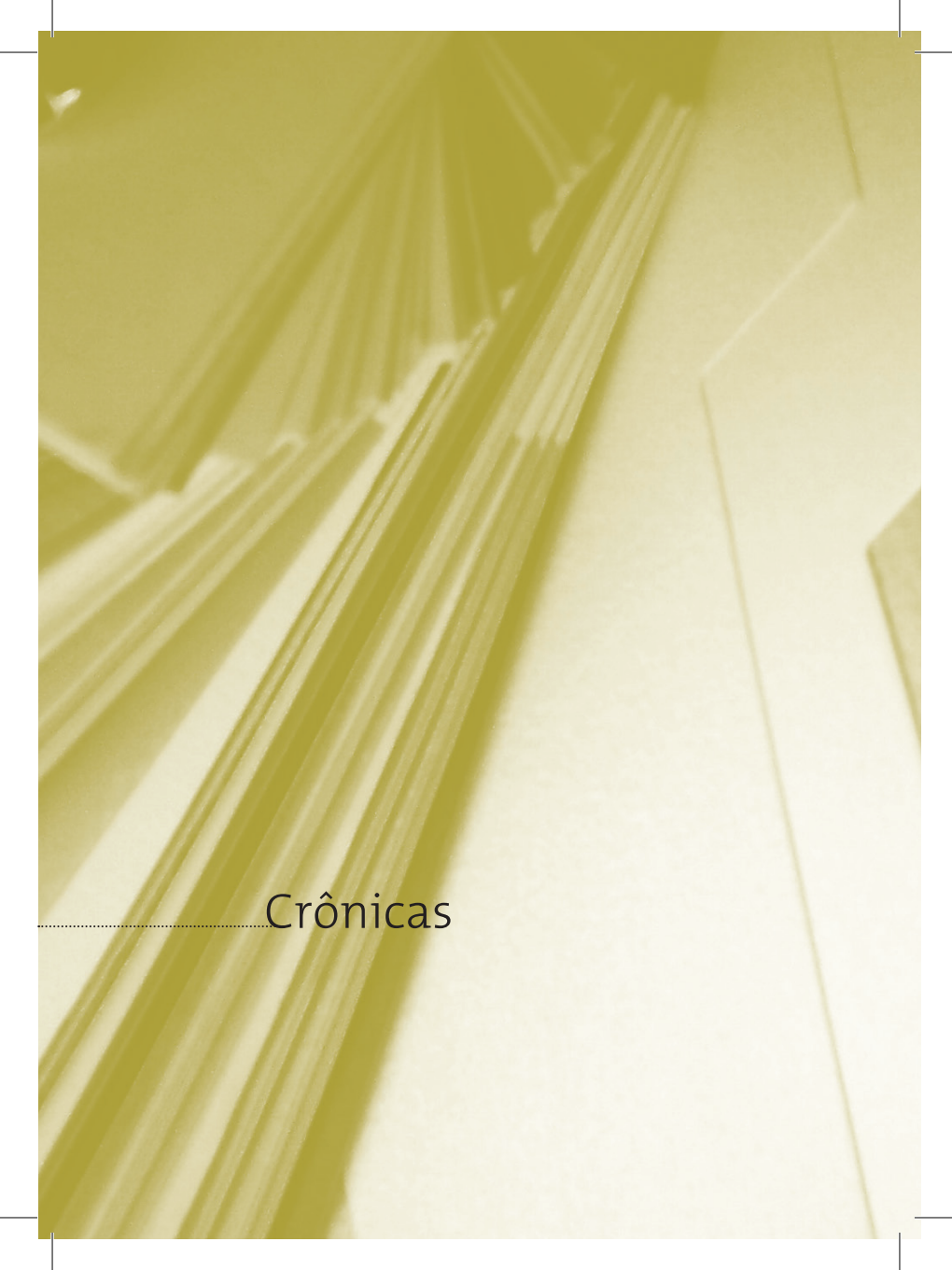
O tempo passou, seu bebê cresceu e suas lindas perninhas tornaram-se fortes e saudáveis. Ele podia correr, ele podia pedalar, ele podia sentir a dor de joelhos ralados e o prazer de uma boa massagem. E ela

sabia que a medicina havia dado a seu menino pernas, mas ela lhe tinha presenteado com asas. Depois de passar a tarde toda usando as pernas, ele se deitaria e ambos poderiam usar as asas.

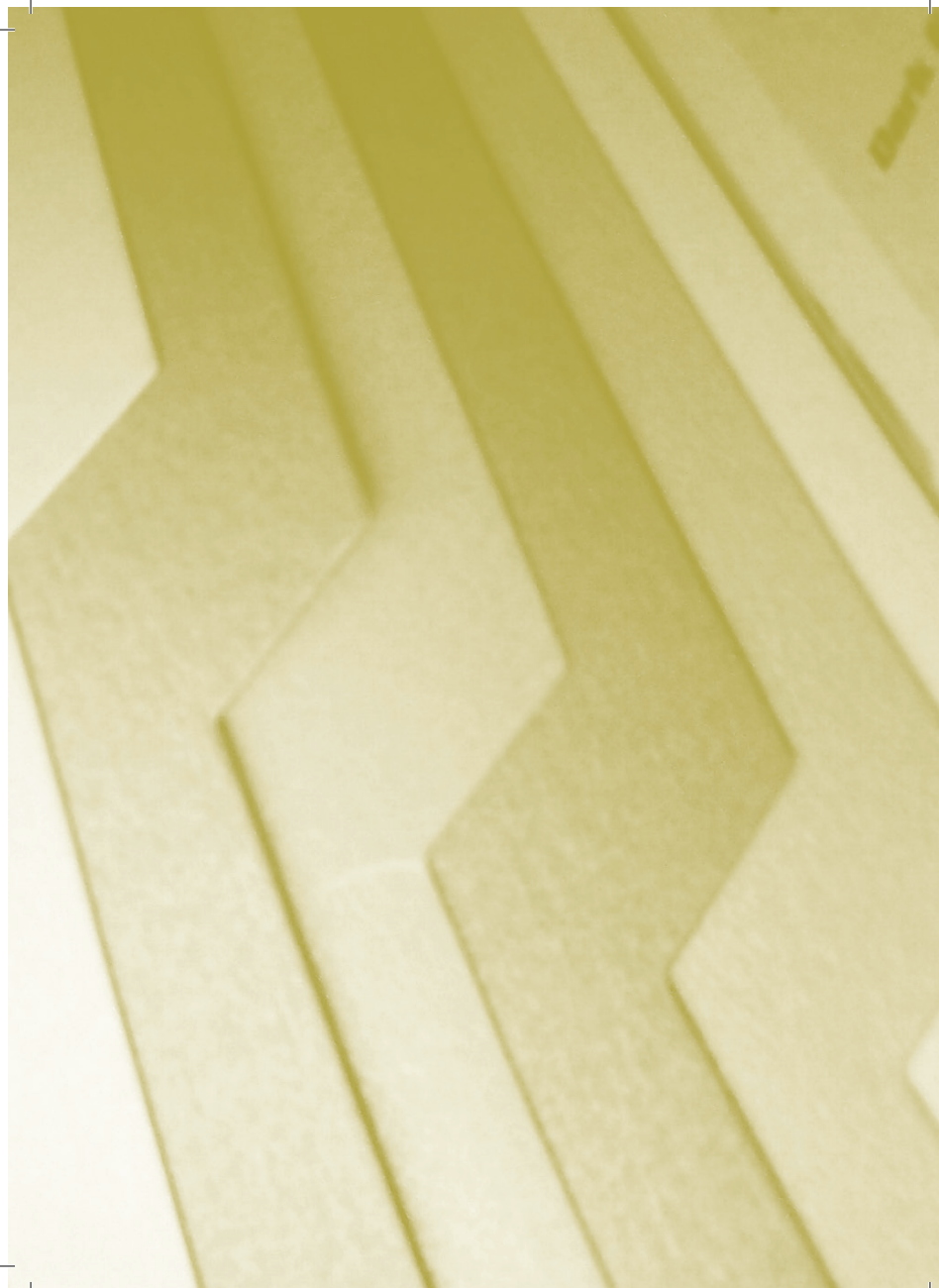
E ela sentiu um orgulho que quase não cabia dentro de si, pois seu menino não passaria por todas as dificuldades que ela havia passado. Seu menino poderia caminhar pelas ruas e ler os letreiros, as placas, os nomes das lojas. Ele poderia chegar onde quisesse, poderia escrever cartas para sua amada no futuro, poderia ler as notícias no jornal, mandar mensagens e fazer anotações. Ele poderia ler um cardápio ou uma bula, poderia preparar receitas, assistir filmes legendados ou ler a tradução de suas músicas preferidas.

E o mais importante: ele poderia sentar-se com um livro em mãos, sentindo o cheiro e a textura das páginas, olhar para aqueles símbolos que por anos assustaram sua mãe e, naturalmente, decifrar seus significados para adentrar um novo mundo. Ele poderia velejar pelo Atlântico, sobrevoar os céus do Oriente ou flutuar na atmosfera. Ele poderia criar seus próprios rituais de leitura, cheirando as páginas antes de começar

a ler, ou sentindo os relevos da capa, ou abraçando o livro contra seu peito em uma doce demonstração de amor àquele objeto tão misterioso e que carrega um mundo inteiro dentro de si.



Crônicas



A leitura

Ana Carolina França Campos¹

Ainda hoje me pergunto: como é possível que algumas pessoas não gostem de ler? Qualquer um que se aventurar a entrar nesse universo corre grande risco de se apaixonar. Sabe, eu acho que esse é o grande medo da sociedade. Se apaixonar! A sociedade atual está com tanto medo de se apaixonar que não quer mais se prender às histórias. Mal sabem o que estão perdendo. É uma felicidade sem tamanho ler o que aquelas belas palavras formam.

Mesmo que essa felicidade não seja para sempre, é algo fascinante de se desfrutar! Cada pedaço da história é uma emoção diferente. É uma pena que as pessoas tenham se esquecido do prazer de ler e é ainda mais triste não se lembrar de que a leitura só faz bem.

1 Acadêmica do curso de Letras – FACALE.

Ah... a Leitura! Ela torna o ser humano mais criativo ao adquirir cultura, conhecimento e valores. Claro que não posso esquecer-me de dizer que somente ela e apenas ela o faz viajar para vários lugares ao mesmo tempo. Por meio dela podemos nos permitir nos apaixonar sem medo de sofrer ou de sermos abandonados. Afinal, a Leitura sempre estará à nossa disposição em qualquer lugar e hora. Na maioria das vezes é ela quem sente a sua falta. Então, fique sabendo: sempre que a procurar... a Leitura estará disposta a ser apreciada por você novamente.

A importância da leitura

Elisangela dos Santos¹

A leitura vai além do significado do alfabeto. É algo que agrega ao indivíduo em sociedade. Sem a leitura, a interação e a vivência em sociedade ficam restritas e muitas dificuldades aparecem. A leitura nos integra ao mundo real e nos proporciona a descoberta do desconhecido, uma viagem real e ao irreal.

A leitura nos proporciona a escolha de caminhos e trilhas que nos levam cada vez mais longe. Ela nos faz subir degraus, nos abre janelas e portas, nos propõe a compreensão do mundo no qual o sujeito está inserido, produz sentido.

A leitura forma o indivíduo, capacitando-o para a vivência em sociedade através de leituras políticas, culturais, econômicas e sociais. Através da leitura,

1 Acadêmica do curso de Nutrição – FCS.

o ser tem seu mundo transformado, tem a possibilidade de viajar sem sair do lugar, conhecer lugares, personagens e suas histórias sem tirar os pés do chão, viajar milhas e milhas, dias e noites.

Abrir um livro é proporcionar uma viagem ao desconhecido. É descobrir o velho em busca do novo. É viajar por entre as estrelas do céu, passar por galáxias desconhecidas, avistar um novo sol. É ir ao infinito, ao futuro, e voltar ao presente com novos conhecimentos que nos levam para frente.

Ler é mudar a visão de mundo, não apenas pelo conhecimento da linguagem formal, mas pelo conhecimento do informal, por proporcionar ao indivíduo opções de escolha, seja entre o correto e o incorreto, entre o bem e o mau, seja pelo caminho a seguir, seja pela visão de olhar para frente e não ver apenas o que estas adiante, mas ver todos os lados e o que foi deixado para trás.

Ler muda o mundo, dá um universo para ser explorado, transforma uma sociedade, liberta escravos, oprimidos e opressores, liberta a alma, leva luz pela escuridão, leva justiça aos injustiçados.

A leitura faz uma conexão com a cultura e proporciona o conhecimento de vários tipos de cultura. Seja na culinária ou no âmbito artístico, a leitura leva

a uma interação, à formação do indivíduo não só para o formal exigido pelas instituições de ensino, mas para toda a vida cotidiana do ser em sociedade. Ler transforma sonhos em realidade, leva da escuridão à luz.

A leitura perante uma sociedade é uma necessidade para participar de forma ativa desta, seja pelo conhecimento de direitos e deveres ou pelo fato de participar de suas decisões como cidadão lutando para torná-la cada vez mais justa.

Na sociedade atual, ler se faz cada vez mais importante, pois os acontecimentos são cada vez mais acelerados e em segundos as informações atravessam o mundo. Quem não lê não consegue acompanhar o ritmo da sociedade, fica para trás, seja na formação profissional ou econômica, cultural e politicamente, seja no próprio convívio social.

Então, para sobreviver nesta sociedade da era digital, se faz necessário ser um leitor assíduo, seja de jornal, revista, livro ou artigos, seja por meio impresso ou digital, ler é necessário por toda transformação que causa.

Seja pela transformação de ideias em experiências, pela descoberta de um universo de aventuras, pela busca do desconhecido, pelo mundo de magia

que proporciona quando uma criança lê um livro infantil ou um velho cientista relê seu primeiro artigo.

A leitura é um guia para a vida em sociedade, pois liga todos os setores desta. Quem não lê não consegue ser guiado, fica simplesmente parado no tempo esperando a vida passar. Ler é um bem insubstituível para todos. Só consegue seguir em frente quem pratica a leitura.

De leitor para leitor

Juliana da Cruz Prado¹

Caro leitor,

A palavra tem que vir em você assim como o oxigênio vem ao pulmão. A vida, em cada momento, existe. O sentido não está em outro lugar a não ser no coração e na mente no momento em que se lê.

A palavra move o mundo, move o pensamento, a verdade, e mais: dinamiza ferozmente a liberdade que, ora instantânea, ora demorada, modifica qualquer grau dos fenômenos sociais.

A palavra liberta, ainda que muitas vezes te faça refém das interpretações. Ela conta ainda que calada, guerreia mesmo em paz, e, apesar de tudo, revoluciona mesmo o mais fiel reacionário. Transforma.

¹ Acadêmica do curso de Ciências Econômicas – FACE.

Leitor, não termine de ler e não ouse virar nenhuma página a mais se ages com arrogância, impedindo que a palavra chegue à tua mais ampla essência, gerando percepções falsas sobre a realidade. Não leia se crias um mundo a parte, se a palavra chega apenas ao teu intelecto, distanciando-te dos mais humildes, daqueles a quem a palavra chega ao coração primeiro.

Não leia se ao invés de unir apenas segregas as mais profundas relações humanas. Não leia se julgas, na falsa visão de justiça, aqueles que consideras infratores.

Pensando bem...

Leitor, leia! Leia para que a palavra te torne nobre. Leia leitor, para que a palavra te torne gigante! Tão gigante que se reconheça pequeno!

Leia...

Leitura, boa!

A lenda do meu nome

Lilian Siqueira e Silva¹

Quando eu era pequeno, eu ouvi uma lenda: o mundo se abre depois que se aprende a ver os nomes. Eu nunca soube direito o que isso queria dizer. Na minha casa, sempre me chamaram de Guri, então, eu era o “Guri”. Mas ver, de visão, eu nunca vi esse nome; eu só ouvi mesmo. Eu não tinha nenhuma ideia de como é que se faz pra ver um nome, às vezes eu tentava desenhar, no chão, algo que pudesse ser “Guri” e me deparava com o desenho de um menino vareta mais ou menos como eu. E assim ficaram as coisas por um bom tempo, aquele mistério: como é que se podia ver um nome se a gente só o ouvia. Todo mundo lá em casa era do mesmo jeito, ninguém sabia como ver

¹ Acadêmica do curso de Engenharia de Produção – FAEN.

nome nenhum. Eu sempre acreditei nessa história do mundo se abrir quando a gente vê o nome porque, pra gente lá de casa, o mundo estava sempre fechado, as portas da venda, dos empregos e até dos ônibus.

Quando eu tinha uns 20 anos, apareceu lá em casa um moço todo uniformizado perguntando: “Os meninos aqui têm documento?” Pelo que eu entendi, documento é um pedaço de papel que prova pras pessoas que você existe. Uma história meio estranha pra mim: como é que um papel, que nem fala nem anda, prova que eu existo ou deixo de existir? Estava relutante em fazer um desses documentos até que o moço falou as palavras mágicas: “No documento, a gente põe o seu nome e...” Pronto! E eu fiquei me perguntando como é que ele ia por meu nome num papel. Fiquei logo imaginando um desenho de menino vareta num papel branco.

Eu fui lá fazer o tal do documento, todo curioso. Fizeram uma *perguntação* danada e, por fim, o homem disse:

— Agora a assinatura.

— Que é assinatura? — perguntei.

O homem olhou pra mim meio espantado:

— É o seu nome.

E foi aí que eu entendi que nome ouvido é nome e nome visto é assinatura.

— Eu assino Guri? — indaguei curioso.

— Não! Carimba.

O homem pegou meu dedão, molhou num piche e esfregou lá no papel. E foi essa a primeira vez que eu vi meu nome.

Assim, eu descobri que o nome visto é um borrão preto do dedo da gente, isso porque o dedo da gente ninguém tem igual, que nem o nome. O meu nome, por exemplo, eu nunca vi ninguém ter: Carimba. No entanto, estava meio decepcionado desde que descobri meu nome e aprendi a vê-lo porque porta nenhuma se abriu, o mundo continuou fechado como sempre.

Na época que eu já estava começando a desistir dessas lendas de nomes, fui ver um emprego de vigia, coisa simples. O homem começou a perguntar uma coisa e outra — acho que ele estava gostando de mim —, até que ele pediu meus documentos e a coisa toda desandou. Eu dei os documentos e ele começou a anotar:

— Seu nome é...

— Carimba — respondi.

— Como é que é?

— Meu nome é Carimba. Tá aí no documento, moço.

O homem se aproximou de mim e me mostrou o documento:

— O que está escrito?

Eu virei o documento e mostrei o desenho do meu nome, aquele borrão preto:

— Aqui, ó! Tá vendo que é Carimba?!

O homem sorriu meio desconfiado, segurou o crachá pendurado no próprio pescoço e perguntou:

— E aqui?

Eu vi só a foto dele, então falei:

— Patrão!

O homem sorriu e me pediu que voltasse na outra semana, pois ele ia me ajudar com uma coisa.

Na semana seguinte, voltei e vi, logo na entrada, que já tinham contratado um vigia. Fiquei furioso. Pensei: “Querem me fazer de palhaço ou o que?” Lá dentro, junto com o Patrão, estava uma dona que logo me foi apresentada:

— Esta é a Rosália. Ela é professora de um projeto de alfabetização.

Fiquei olhando sem entender. A mulher, então, se aproximou e disse:

— O senhor gostaria de aprender a ler?

— Ler?

— É, ler as palavras, os nomes...

— Mas eu já sei o meu nome.

— Mas o senhor pode aprender a ler o nome de todo mundo e de todas as coisas.

Fiquei imaginando um monte de papel com um monte de borrão preto, mas achei a história interessante e aceitei.

Já faz cinco meses que eu vou à escolinha. Eu finalmente entendi que o nome das coisas se escreve com as letras que formam as sílabas, que formam as palavras, e não com borrões pretos. Descobri que é com as palavras que a gente desenha os nomes e foi assim que eu fui aprendendo a ler: primeiro as vogais, depois as consoantes, depois fui aprendendo a amarrar as letrinhas uma na outra até saírem às palavras.

Finalmente descobri como funcionava a tão famosa lenda. Não bastava ver os nomes, era preciso lê-los. Por isso, depois que eu aprendi a ler, o mundo começou a se abrir mesmo para mim. Deu pra saber a hora que a venda abre e qual é o ônibus que passa

lá perto de casa. Deu pra saber o nome das ruas. Deu pra saber o meu nome, o verdadeiro, o que estava lá no documento todos esses anos e eu nem sabia. Agora eu não preciso mais de “Carimba” nem de carimbar. Agora eu já sei que me chamo Francisco José da Silva.

A partida

Livia Maria Fernandes¹

Brincando no terraço, ouvi minha mãe dizer:
— Ler é bom, meu bem, você quer aprender?
Irritada com a interrupção, rispidamente retruquei:
— Bom por quê?
— Faz “crescê”? Vai “ardê”? Eu vou ganhar o quê?

Com aquele ar de douta, me apresentou a Turma da Mônica. Na década de 90, não havia *smartphones* para distrair a pestinha aqui, então fui logo fazendo planos com o Franjinha. Mesmo sem entender, nunca mais questioneei. Sentia que aquilo me enriqueceria.

1 Acadêmica do curso de Direito – FADIR.

Da banca de jornal à biblioteca da escola: o livro estava sempre na minha sacola. Da faculdade à cabeceira da cama: ler era tão bom quanto andar de pijama.

A leitura parece fácil à primeira vista e talvez por este motivo pareça desinteressante. Mas quem se atreve a explorá-la descobre um universo paralelo abundante. Semelhante a um iceberg, o valor da leitura está sob a tipografia e disponível apenas para quem mergulhar na magia.

Anos depois, respondi a malcriação: “Faz crescer por dentro! Só arde a ignorância, mas se assoprar umas letrinhas, ganha abundância. Você ganha o mundo, menina!”

O domínio da leitura nos coloca acima dos seres irracionais, transforma seres humanos passivos em cidadãos críticos monumentais. Já dizia Monteiro Lobato: “Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê”. Ler é “sê”: é comunicar-“sê”, é interagir-“sê”, é transcender-“sê”. Ler é desenvolvimento e educação, envolvimento e revolução.

Um belo dia na escola, me mandaram ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Lembrando de minha última leitura, cheia de aventuras, iniciei saltitante a

primeira página: “Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco...” — Intróito? Pentateuco? — perguntei a mim mesma.

Incomodada, eu persisti, li mais umas frases e logo caí. “Essa idéia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplastro anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio...” Parei por aí. Fadada ao fracasso, eu me senti. “Vai cair na prova, como eu não consegui?”

Anos depois, eu entendi. A sensação de alheamento com a leitura é comum por aqui! Fruto da primeira experiência literária desastrosa, a leitura fica morosa. Indaguei minha professora e logo expus o meu clamor:

— Clássicos têm o seu valor, mas simplicidade literária ganha o leitor!

Instigada com meu interesse, a resposta veio rápida: Green, Rowling e Tolkien. Abriu a bolsa e tinha se esquecido da Rebouças.

A identificação com a narrativa é ponto de partida para o interesse inicial, que é o ponto de partida do desenvolvimento moral e social, que é ponto de

partida do afinco em melhorar a sociedade marginal,
que é ponto de partida do mundo ideal.

Quando vamos dar partida?

Calouro gente boa

Natanael Borges Soares¹

Todo ano, milhares de calouros ingressam na faculdade. Desta vez, um fato diferente ocorreu: um jovem menino de 70 anos entrou no curso de química na quarta chamada. Apesar de possuir grande disposição e vasta experiência de vida, seu maior desafio foi colocado à sua frente: rever matérias já esquecidas com o tempo e mergulhar na vastidão de um curso com baixo índice de concluintes. Esse “menino” ousado, logo de início, sofreu o impacto das temidas físicas e cálculos dos semestres, apresentando baixo rendimento em relação aos demais companheiros de curso.

A turma não o levava a sério e acabavam excluindo-o dos trabalhos em grupo. Mas, como todo

¹ Acadêmico do curso de Agronomia – FCA.

brasileiro, nosso herói não desistiu frente às dificuldades. Tendo como arma um otimismo gigantesco, força de vontade e dedicação, seu mundo ganhou um novo formato. Agora ele passa horas e horas estudando, utilizando a leitura como ferramenta essencial para se atualizar e seguir no longo caminho acadêmico. Suas limitações passaram a ser apenas mais um detalhe. O pequeno menino velho tornou-se um exemplo, pois seu único e maior adversário era si mesmo.

Não se sabe quanto tempo ele levará para se formar e o que fará após pegar seu diploma. O que importa de verdade é o exemplo que esse calouro gente boa deixa ao traçar um objetivo e se divertir pelo caminho para tentar alcançá-lo, demonstrando que se você quer muito algo, faça acontecer. Desenhe o caminho que o levará a seu verdadeiro objetivo e seja feliz.

Fim.

O ato de ler é fundamental

Ronivon Alves Moreira¹

Ler é um ato extraordinário que nos leva a imaginar muitas realidades por meio das palavras, a compreender culturas diferentes, a conhecer o passado e a praticar mais a nossa língua, entre outras possibilidades e vantagens que esse grandioso ato traz quando praticado no nosso dia a dia.

A vida sem a leitura seria menos interessante, pois mesmo com as mídias sociais usadas comumente pelas pessoas nos dias de hoje, uma boa técnica de leitura é indispensável para ter acesso às inúmeras informações transmitidas a todo o momento. Num mundo globalizado onde as informações se disseminam rapidamente, para acessá-las, temos que ler.

1 Acadêmico do curso de Educação do Campo – Ciências da Natureza – Prog. Procampo – FAIND.

Abrimos uma página na internet, vemos, logo de cara, várias notícias e lá vamos nós abri-las e lê-las com muita atenção, tentando compreender todo o enunciado. Desta maneira, o ato de ler torna-se muito prazeroso e bem relevante, pois se não soubéssemos ler, perderíamos a oportunidade de ter acesso a informações interessantes.

A cozinheira, na cozinha, no compromisso de não atrasar o horário do almoço, acabou se atrapalhando na quantia de ingredientes da receita e teve que recorrer ao livro de receitas e ler novamente a lista de incrementos do cardápio para ter certeza se estava ou não usando os ingredientes certos na elaboração da refeição. O ato de saber ler lhe ajudou a tirar a dúvida e o cardápio do dia não foi prejudicado pelo lapso ocorrido na correria diária. Olha que maravilha!

Observamos que, a todo tempo, temos que ler. Lemos na faculdade, lemos as placas de sinalização quando dirigimos o automóvel, lemos até a bula de remédio para ter certeza que o médico passou o remédio certo e se este vai fazer efeito ou não. Assim, a leitura colabora para a obtenção de confiança pelo leitor.

Por isso tudo e muito mais, devemos praticar a leitura, ter fome de ler e de alcançar mais conhe-

cimentos, fome de aprender para termos uma vida social mais compreensível e harmônica. A leitura nos faz compreender melhor o mundo em que vivemos e assim conseguimos viver melhor, com mais qualidade de vida e tranquilidade.

Coragem de optar pela leitura

Thainá Manvailer Costa¹

Há quem diga que a responsabilidade maior foi da mãe, que desde sua infância contava histórias de princesas para ela todas as noites. Outros acham que a culpa foi do pai, pois todas as manhãs ele pedia a ela que buscase o jornal e, como recompensa, prometia que ela o leria. Embora muitos acreditem que ela já tenha vindo de nascença com um parafuso a menos e que essas coisas não a teriam influenciado em nada, o certo era que todos concordavam que Laurinha, com seus livros, vivia em outro mundo.

Os pais, coitados, na verdade, a gente sabe que fizeram de tudo para que ela se endireitasse, mas foi perda de tempo. Arrumaram para ela um emprego de recepcionista numa pensão e, pensa que não, no pri-

1 Acadêmica do curso de Letras – FACALE.

meio dia foi despedida. A ex-patroa dizia: “Laura não prestava atenção em nada, só queria saber da próxima página do seu livro”. E a justificativa de Laura para os pais era: “Eu só quero saber se Capitu traiu Bentinho ou não”. E ninguém fazia essa menina acordar para a realidade da vida.

Tentou trabalhar na biblioteca para se tornar “normal”. Até gostava. Perdia-se em cada título, mas viu que sua paixão era participar da história, e não havendo tanto tempo como queria, mais um emprego se perdia e ninguém entendia nada. Viviam falando para ela que aqueles livros saíam em peças de teatros, novelas e filmes e que era desperdício gastar a juventude naquilo tudo. Mal sabiam eles que sua maior aventura era imaginar.

Dali para frente, só ficava em seu quarto a ler e a ler sem parar e, com o tempo, também começou a escrever para sua imaginação voar. Amigos e familiares sempre perguntavam aonde aquilo iria parar, e os pais se preocupavam no que aquilo iria dar. Criando um pensamento crítico através de suas leituras, Laura viu que não poderia guardar tudo somente para si e queria que todos soubessem do poder que a leitura tem de ampliar o mundo e de tornar as pessoas críticas, donas da sua própria opinião.

Foi à luta. Descobriu, na sala de aula de uma universidade, uma oportunidade de crescimento e também que existiam outros “doidos” que não trocavam a leitura por nada; pessoas que se importavam com o destino de um mundo no qual não se dava a devida importância às palavras e aos saberes expressos em papéis. O planeta se perdia nas novas tecnologias.

Como “fora do normal” Laura sempre foi vista, mas nós, no fundo, até com certa inveja, nos perguntamos de onde nasce essa força tão grande que faz com que alguns, a exemplo de Laura, tenham a coragem de sempre optar pela leitura terminar.



Poesia



Livres

Cristhia Kelle Santana¹

Digam aos filhinhos do papai
Que os mendigos da educação
Estão perto, estão chegando.

Abram as portas dos vossos comandos,
Abram as portas das vossas “classes”,
Pois viemos para ficar.

Diga ao meu bom mestre, que fico.
Que luto com ele.
Que os livros estão sendo lidos,
Que a esperança está sendo construída
Diante de cada página.

Digo por minha criação,

1 Acadêmica do curso de Ciências Sociais – FCH.

Meu pai, minha mãe,
Economizando tudo pela minha educação.

O suor que tiveram,
Adubou esse bom plantio,
Que em minha consciência cresce.

Altivo som, doce de ouvir:
— Melhor, melhor. Um futuro melhor!

Pois, quem disse que educação
Não é para todos?
Quem disse que o caro
Se paga com o dinheiro?
Tolices!

A cada nova obra
Com autorias magistrais,
O conhecimento chega até mim,
Poderosamente.
A construção faz-se presente.

E ouço, leio, constantemente:
— Melhor, melhor. Um futuro melhor!

Meus olhos leem

Eliane Francisca Alves da Silva Ochiuto¹

Ler é essencial para viver em sociedade.
 Temos diversas formas de ler.
 E devem ser respeitadas!
 A leitura nos faz mergulhar
 num universo incrível,
 Conhecer diversas áreas do conhecimento,
 Permite sermos críticos,
 Lutar por um mundo mais digno e justo!
 No entanto, muitos não compreendem
 Que eu, surda, também posso mergulhar
 no universo da leitura...
 E viver de forma justa e digna na sociedade.
 Com meus olhos, leio.
 Com minhas mãos, transmito

1 Acadêmica do curso de Letras-Libras – EaD.

o que compreendo do mundo
por meio da leitura.
Sou surda!
E meus olhos leem...
E eles me permitem
Mergulhar no universo social
por meio da leitura!
Seja o universo surdo ou ouvinte!

Amplitude

Francieli Efigenio Cabreira¹

A única maneira de elevar-se a um submundo
de extremidades infinitas,
É sentir que se sente mais intensamente.
Expressão sem fim cativa, aprisiona e liberta.
Ouvir sobre heróis e ser um deles,
Ouvir sobre ser princesa e tornar-se uma,
Permitir-se sonhar e ainda assim realizar-se.

As folhas, mesmo em branco, dizem tudo,
sem a pena,
podemos reproduzir sentidos
Abstratos e ainda sim concretos.
Posso me encaixar em tudo isso?
Me pego a pensar em tudo que ficou lá,
tudo que permaneceu ali, incólume.
O tempo não destrói, a poeira não encobre.

1 Acadêmica do curso de Letras – FACALES.

A única nebulosidade que encontro
é o meu retrato
sob a memória que guardei.
Encontrar-se e perder-se, tudo aquilo
em minha mente.
Pés ao chão, pensamentos soltos,
Dias cinzentos, sentimentos turbulentos,
Contraponto da razão.

Desatino findo. Até que ponto,
podemos representar?
As palavras imersas nesse oceano
parecem reprimidas.
Agora pareço estar diferente, não sou o mesmo.
Como poderia ser? Se a vida é fugaz,
poderei contrapor tudo o que vi?
O que me parecia estar implícito,
já não me cabe,
Agora sou sumidade, cercado pela multidão,
Belicoso a palavras é homizio agora.

A mais ousada fonte de conhecimento
Não é ciência, nem o código transparente.
O fantasma da esperança, para desgaste geral,
Inesgotavelmente há de permanecer taciturno
ainda que todos se vão.

Isso é mais que “apenas ler”

João Alexandre Alves dos Santos¹

Isso, na verdade, é mais que
 uma questão de interação.
 Quiçá encontre-se por intermédio
 dela o sentido da vida,
 Talvez a razão n'alma perdida
 — em que está o vazio que a sabedoria
 deixa quando negligenciada.

Vá à caça, meu senhor,
 Busque toda resposta da vida que lhe cerca!
 Os quase-tudo são quase-nada:
 Um ponto no infinito céu,
 repleto de infinitos céus.
 Seja aluno ou doutor... sabe que ler é:

1 Acadêmico do curso de licenciatura em Letras – FACALE.

A libertação, a ação, a transposição,
A autonomia, a autoria e a propriedade
Para dar sustentação a tudo que lhes falam.

A verdade é que não se tem repertório
Se não se busca saber.
Inerente ao ser agora és.
Outrora era apenas mais um artefato
Na capa de um livro em que se encontrava
Um curso majestoso, um viés.
Há quem pense: “Como o fazer?”
“Como riscos podem algum sentido ter?”
É preciso decifrar os mil sentidos das letras.
Agora lhes digo: se não fosse
por estes rabiscos...
O que seria de tu'alma?

Análoga, rasa, escassa e quase-nada!
Sem o exercício cotidiano de pequenos globos,
Esses que passam a ser portais para o saber...
O que seria do ser?
O que seria do ser?
Ignorante... não! Apenas este nem sabe que é.

Buscar (mesmo) o saber... é saber!

Alfabetismo funcional é a nova moda,
 Mas não aderi a ela.
 Preferível é fazer o que te torna Ser,
 Do que ser feito como um ser.
 Para qualquer dúvida sobre...
 Busque ler, ser, saber, reler, redescobrir,
 ressaber.

Reconcepção, não por convenção.
 Convém se libertar,
 Deixar sua mente livre para pensar.
 Pense em buscar,
 Ser assim, mais capaz não há
 — como aquele que descobre, cresce,
 reconhece seu ínfimo ser.

Eis a importância do ato de ler:
 Busca incessante;
 Mente livre para ser livre;
 Livros não só na estante;
 Livros sim, na memória, livros na fala.
 Custa gostar? Gostar? (Ad)mirar?

Leia e releia se não entendeu.

Esperando os olhos sedentos

Marcio Romeiro de Avila¹

Onde estão os olhos sedentos?
Onde está a sede de conhecer?
Onde está? Onde está?
Procuro e não vejo.

Vejo somente olhos voltados
para uma luz brilhante
Onde os dedos deslizam
por aquele instrumento,
Verdadeiros indivíduos vivendo
em sua própria individualidade
Onde estão os olhos sedentos?

Vejo-os em um canto escuro,

1 Acadêmico do curso de Zootecnia – FCA.

em algum lugar, lá estão eles,
Empoeirado, jogado, deixado de lado,
Esperando os olhos sedentos.
Para revelar-lhes, assim,
Um tesouro chamado conhecimento.
Descortinando toda a história
da evolução humana.

Ler é viver, é compreender a si mesmo
e ao outro.
É percorrer um processo evolutivo
que leva a pensamentos críticos
e formadores de ideias.

Da importância da leitura
na vida em sociedade
(Ou “Textão para Facebook I”)

Matheus Heindrickson Prudente dos Santos¹

Se aqui falta saber, engenho e arte,
Perdoas tu já minha im.pe.tu.lân.cia
(s.f. O ímpeto petulante, a ânsia),
Pois há aqui algo para contar-te!

Pede-me o edital que publicaste
Que diga da leitura a importância:
Aos meus vinte e três anos de infância,
Da fina flor dos dias, só tenho a haste!

Nada a declarar — pouco conto, muito repito:
Ler é mais que lesão por esforço repetitivo.

1 Acadêmico do curso de Ciências Econômicas – FACE.

É mais que exercício, mais que reforço, rito.
 É mais que ver-se do avesso,
 solto ou absorto, em um livro
 Livre e leve como a pluma
 de um querubim lulin-lulin.

Ler é ter a cabeça nas nuvens
 Que choveram nas pálpebras de outras dores:
 Ler é ter pés em chão de estrelas.

Há um analfabeto na rua de baixo
 Que lê mãos, borras, bulas e faces;
 Dá das “balas que não matam” às crianças
 E tem sonetos de Florbela
 Nas belas flores de seu jardim.

Soubéramos ler como ora soubemos
 A extensão de nossas ignoranças
 Faltariam barros a mais Evas e Manoéis
 Faltariam bibliotecas para “Liberdades”
 De Fernandos e Pessoas.

Não haveria saciedade que esgotasse
 A sede de vida da vida em sociedade

A importância da leitura
(Dito e feito: digo por desculpa
Não sem certa culpa)
Não posso dizer:
Não está escrito!

Entre rimas e versos

Michele Arias Delfino dos Santos¹

Ler é sentir, evoluir,
Uma nova vida descobrir.
É pensar, criar,
Uma nova forma dos desejos demonstrar.

A leitura é mostrar, a todos, encantamento.
Sem desviar da fantasia um só momento.
É transmitir sentimentos, sensações,
Dar sentido às emoções.

Por meio da leitura vou evoluindo...
Em palavras, pensamentos
e sentimentos traduzindo.
A cada dia uma nova poesia,
Manifestando em palavras, melodia.

1 Acadêmica do curso de Engenharia – FAEN.

Entre rimas e versos
Junto da solidão.
Entre poemas diversos,
Abre-se portas a uma nova dimensão.

Através das palavras,
O mundo posso descrever...
E descobrir, enfim, o prazer
que a leitura pode nos trazer.

Leitura:
Um direito, um dever.
Uma arma, um escudo.

Vera Lucia Ferreira Pereira¹

De onde viria o conhecimento?
Penso sempre o que este seria...
Quantos saberes e sabores...
Amores e aromas...
Culturas...
Artes...
Pensando de forma romântica é muito lindo!
Mas a ausência da busca por conhecimento
De fato é um grande perigo!
Pois o ser humano faz a realidade
tornar-se algo complexo
Cria códigos a cada instante

1 Acadêmica do curso de Ciências Sociais – FCH.

Uns conscientes
Outros nem tanto
Mas eles estão surgindo...
Algumas informações querem passar...
Ou camuflar?
Nas linhas... Entre linhas...
Para que possamos então
O mínimo compreender
Um convite é feito:
Aprendamos a ler!
Ler é a emancipação do ser humano!
Lê-se a vida...
Fazemos leituras por nossos sentidos...
Lemos um aroma...
Um som...
Um sabor...
Um toque...
Uma sensação...
A realidade!
Há pessoas que tornam manifesta sua leitura
Nas infinitas formas da arte...
E então fazemos leitura das leituras feitas...
De fato,
Nenhuma escola e academia poderão substituir

O “letramento” oferecido pela vida...
Mas se faz necessário
Uma aprendizagem formal,
Pois leituras manifestas precisam ser lidas!
Não ler traz consequências:
Desconhecimento histórico...
Incompreensão da realidade...
Ler por ler, também:
Desconhecimento histórico...
Incompreensão da realidade...
Vulnerabilidade à manipulação ideológica...

Sobre (a) vida

Vinicius Gonçalves Mazzini¹

No silêncio parado do quarto,
No sol escaldante do parque.
Permanecia ali avoadado
O objeto inanimado, fazendo-lhe companhia.

Ao vento o riso ia,
Fluía nos pensamentos carregados,
Caía dos olhos e corria nos lábios.
E o diálogo se fazia poesia
Com suas folhas viradas.

Como trovão na consciência, estrondava!
Como luz do sol, invadia!
Adentrava fundo o ser e
Aquele fala muda,

1 Acadêmico do curso de Letras – FACALE.

Mudava o que queria.

Transformado em sabedoria,
Degustava os códigos em linhas.
E para ser um pouco mais vida,
Lia.

E cada verso citado
Fazia-se força motriz e
Movia tudo ao redor.
Fazia seu meio feliz.

Podia ser vista de longe
Tamanha felicidade.
Gritava aos quatro cantos
Que aquele objeto no canto,
Do mundo e do pensamento,
Moldaria a sociedade.

Não entendiam seus cantos,
Não entendiam seus brados,
Seguiam tristes, perdidos...
Pois os livros permaneciam fechados.

Ah! Se soubessem que aquele louco,
Carregando o livro nos braços,
Ao duvidar de tudo
Havia, a verdade, encontrado.

E, transformado em sabedoria,
Degustava os códigos em linhas.
E para ser um pouco mais vida,
Lia.

Primer

Unos

El estudio de la cultura de derechos humanos de la asignatura de los derechos humanos para el educativo en vista de la a descubrir la cultura ciudadana en las propuestas de la educación mujeres y hombres los valores de la de

Los

lid



